

Mulheres atrás das câmeras: lutas e êxitos

Por Gil Carvalho

Em 2010, o mundo cinematográfico assistiu ao fim de um tabu: a norte-americana Kathryn Bigelow conquistou o Oscar de melhor diretora por *Guerra ao Terror (The Hurt Locker)*. Ela foi apenas a quarta cineasta indicada, e a primeira a ganhar, em mais de 80 anos de história do principal prêmio do cinema mundial. Em um estudo publicado em 2009, Martha Lauzen, da San Diego State University, concluiu que apenas 9% dos diretores de Hollywood em 2008 eram mulheres, mesmo número que ela havia levantado dez anos antes, enquanto os diretores chegavam a 400.

Se no bilionário cinema americano as coisas não são fáceis para as mulheres, na América Latina, os obstáculos são ainda maiores. Uma frase contundente, proferida pela falecida cineasta cubana Mayra Vilasis sobre a situação em seu país, mas que pode ser extrapolada para todo o continente, ilustra bem: “Es más fácil para una mujer en Cuba ser piloto de avión que directora de cine”.

Entre as razões alegadas para o pequeno número de mulheres diretoras, estão questões culturais e sociais - machismo, formação deficiente, dificuldade de se obter financiamento e até a maternidade. A despeito das dificuldades, elas estão ocupando espaços cada vez maiores nos sets, desempenhando atividades variadas. Se até algum tempo atrás, encarava-se com naturalidade a atuação feminina na maquiagem e vestuário e, obviamente, diante das câmeras, hoje constata-se que, embora haja um longo caminho a percorrer, as barreiras estão caindo.

Não há estatísticas nem estudos acurados sobre diretoras latino-americanas, mas um breve olhar revela que o trabalho feminino nessa área ganha visibilidade e importância a cada dia. No Brasil, há atualmente pelo menos duas dezenas de diretoras na ativa, tais como Ana Carolina (*Gregório de Mattos*), Tizuka Yamazaki (*Aparecida - o Milagre*), Suzana Amaral (*Hotel Atlântico*), Kátia Lund (*Cidade de Deus*), Eliane Caffé (*O Sol do Meio-Dia*), Lucia Murat (*Maré, Nossa História de Amor*), Sandra Werneck (*Sonhos Roubados*), Monique Gardenberg (*Ó Pai Ó*), Laís Bodanzky (*As Melhores Coisas do Mundo*), Tata Amara (*Antonia - O Filme*), Helena Ignez (*A Canção de Baal*), Sandra Kogut (*Mutum*), entre outras.

Uma menção especial deve ser feita à Carla Camuratti, que lançou em 1995 *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, apontado como o responsável pela chamada Retomada, depois que, no início dos anos 90 o cinema brasileiro foi dizimado com a extinção da Embrafilme pelo governo Collor de Mello. E todas essas profissionais certamente têm uma dívida com a

pioneira Gilda de Abreu (1904-1979), que em 1946 escreveu e dirigiu *O Ébrio*, estrelado por Vicente Celestino. Além de diretora, Gilda foi também atriz, romancista, autora teatral e de rádio-novelas.

Em outros países da América Latina, o panorama - para o bem e para o mal - não é muito diferente. Na Argentina - que com Brasil e México concentra a maior produção no continente, destacam-se María Luisa Bemberg, que escreveu e dirigiu em 1984, *Camila*, que concorreu ao Oscar melhor filme estrangeiro. Também devem ser citadas Lucrecia Martel, um dos principais nomes do Novo Cinema Argentino, Teresa Constantini, Ana Poliak e Lucia Puenzo.

Também coube a uma mulher a tarefa de por fim a um intervalo de 28 anos sem a produção de qualquer longa-metragem no Paraguai. Paz Encina escreveu e dirigiu *Hamaca Paraguaia*, lançado em 2006. No Peru, o grande destaque é Claudia Llosa, diretora dos aclamados *Madeinusa* e *A teta assustada (La Teta Asustada)*, que conquistou o Urso de Ouro no Festival de Berlim, na Alemanha, em 2009, além de ter concorrido ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Llosa abriu caminho para Rosario García-Montero e Marité Ugás: ambas apresentaram seus filmes em Berlim este ano.

Para terminar esse breve e incompleto relato, devemos mencionar as pioneiras em todo o continente, as mexicanas Mimí Derba, que em 1917 fundou a **Azteca Films**; Cándida Beltrán Rendón que em 1928 escreveu, produziu e dirigiu *El secreto de la abuela*, e Adela Sequeyero, que fez em 1938 *La mujer de nadie*, primeiro filme sonoro mexicano. Hoje, estão produzindo no país Marcela Fernández Violante, María Elena Velasco, Sabina Berman, María del Carmen de Lara, María Novaro, Dana Rotberg, Guita Schyfter, Marisa Sistach, Isabelle Tardán, para citar algumas.